

CAMÕES

CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Nº 245 • 19 de julho a 1 de agosto de 2017
Suplemento da edição nº 1221, ano XXXVII,
do JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias
com a colaboração do Camões, I.P.

Contextos multilingues no Ensino Português no Estrangeiro

Pág. 2

Exposição de artes plásticas na Beira O mundo é o museu de Jorge Dias

Pág. 2/3

Música Emanuel Salvador, diretor artístico do Baltic Neopolis Festival 2017

Pág. 3



Os contextos multilingues em ação de formação para professores do Ensino Português no Estrangeiro

As questões levantadas pelos contextos multilingues em que decorre o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa, na rede de Ensino Português no Estrangeiro (EPE), são o tópico principal da ação de formação destinada aos professores daquela rede, que decorre a 24 de julho, em Lisboa, no Centro Calouste Gulbenkian.

Com a designação de 2.º Encontro de Professores do Ensino Português no Estrangeiro, a ação é aberta aos docentes tanto da rede oficial – aquela que é tutelada diretamente pelo Camões, I.P.: Alemanha; África do Sul/Namíbia/Suazilândia/Zimbabué, Espanha/Andorra; Luxemburgo/ Bélgica/ Holanda; França; Reino Unido e Suíça, – como da rede apoiada, isto é, aquela que é constituída por professores de escolas ou organizações privadas ou comunitárias, de diversa índole, em países como o Canadá, os Estados

Unidos e a Venezuela, com quem o Camões, I.P. colabora.

A realização desta ação de formação, para a qual estavam inscritos cerca de 100 docentes dos países da rede EPE, à data de fecho desta edição, aproveitou a presença em Portugal de numerosos professores desta rede, com o objetivo de partilha de experiências e mútuo conhecimento que permitirá valorizar o trabalho individual e construir redes cooperativas

A escolha da temática dos contextos multilingues no ensino/aprendizagem de português decorre do questionário de necessidades de formação, disponibilizado pela Divisão de Programação, Formação e Certificação (DPFC), da Direção de Serviços de Língua e Cultura (DSLCL) do Camões, I.P., para preenchimento pelos professores das coordenações de ensino do português no estrangeiro. Os dados recolhidos através



KATEMCOSTAN/FREEMK

do questionário permitem à DPFC, em articulação com cada coordenação, definir as áreas de formação prioritárias para o ano seguinte.

O tema *contextos multilingues* foi dos que teve mais votação e reflete uma realidade com que

os professores que ensinam português, num país em que o idioma não é língua materna, se deparam.

Estes contextos multilingues com que os professores e alunos lidam todos os dias criam a necessidade de definir

estratégias de ensino, que serão abordadas na ação de formação.

QUE PORTUGUÊS ENSINAR?

O tema – *Português, Língua Pluricêntrica: Que Português Ensinar?* – será tratado pelo professor Célio Conceição, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Algarve, especialista nesta área. A abordagem será num sentido reflexivo, com vista a apontar direções. No fundo, pretende-se que os professores reflitam e encontrem o melhor modo de desenvolver o processo de ensino/aprendizagem do português, de acordo com o seu contexto e o dos seus alunos.

Embora a rede EPE promova o ensino/aprendizagem do português, variante europeia, é necessário ter presente as outras variantes.

Na ação de formação haverá ainda uma reflexão sobre o desenvolvimento do português como língua de herança (PLH), a cargo da professora Cristina Flores, da Universidade do Minho. O PLH é uma língua transmitida por familiares, ou seja, os avós, os tios, os pais, tem um lado afetivo,

Exposição de artes plásticas Beira O mundo é o museu de Jorge Dias

Jorge Dias (Maputo, 1982) é de há muito considerado um dos principais, se não o principal, 'ideólogo' da arte contemporânea moçambicana, que enterrou provavelmente em definitivo as expressões que se reivindicavam de um certo arquétipo de arte de raiz africana, dominante durante anos. Fê-lo ainda na década passada enquanto um dos mais destacados elementos do coletivo MUVART, de que foi fundador em 2002, e que reuniu as novas gerações de artistas plásticos moçambicanos, tendo participado na Feira de Arte de Lisboa em 2004 e 2008.

O atual diretor da Escola de Artes Visuais de Maputo, onde estudou cerâmica, escreveu desde 2003 na imprensa local e no sítio na internet Artcapital sobre a produção de arte em Moçambique, contribuindo para «a teorização das produções mais recentes», segundo reza a sua biografia.

Agora, uma nova exposição individual sua – *Plano das Coisas* –, que já esteve patente em abril/maio passado no Camões/Centro Cultural Português (CCP), em Maputo, mostra no pólo da Beira – a segunda cidade de Moçambique – do mesmo centro, entre 12 de



CAMÕES/CCP MAPUTO

julho e 10 de agosto, «um conjunto de mais de 40 obras deste artista moçambicano que expõe regularmente desde início da década de 1990 em diversas instituições em Moçambique e no estrangeiro».

São três as preocupações que Jorge Dias inscreve «consistente e intensamente» na sua prática artística, no dizer de Alexandre Pinho, diretora do CCP, num curto texto inserido no catálogo

da exposição: «o questionamento sobre as fronteiras da arte, sobre a representação (pictórica ou outra) e sobre a relação ou possíveis relações da arte com o quotidiano».

A também conselheira cultural da Embaixada de Portugal em Moçambique destaca o facto de Jorge Dias – a que aponta um «olhar atento, capacidade de trabalho e uma inesgotável curiosidade» – se caracterizar por recorrer

«a diferentes linguagens – da escultura à instalação e à *assemblage* – para pensar e analisar a relação entre as coisas e o lugar».

Evocando as últimas exposições individuais de Jorge Dias (*Lugar Comum*, em 2014 e *Lugar de Passagem*, em 2015), em Maputo, Alexandra Pinho sublinha que a recolocação em cena dos «objetos característicos» da obra de Jorge Dias, «como os casulos, e um conjunto de materiais do quotidiano, desde a capulana ao artesanato moçambicano» confere-lhes «um (outro) lugar numa configuração (re)trabalhada que é também um convite ao espectador para se ater e perscrutar a obra». É aquilo a que a conselheira cultural designa por «um movimento de deslocamento e apropriação».

É este «movimento de apropriação» de objetos de artesanato e do quotidiano que a exposição *Plano das Coisas* – concebida para os espaços do Camões, I.P. em Maputo e na Beira – retoma, numa «linha de trabalho seguida por um número crescente de artistas africanos cujo trabalho merece reconhecimento internacional», segundo Alexandra Pinho.

POLÍTICA

A leitura da atual exposição não se esgota aí, pois o título «remete também (...) para uma reflexão porventura mais conceptual, que nos leva ao interior da arte». A diretora do CCP de Maputo refere que as «várias esculturas-objetos intituladas 'Coisas'» – «obras tri-

dimensionais, também elas feitas com materiais que povoam o nosso quotidiano» –, de exposições anteriores, «entram agora em diálogo com o *Plano das Coisas*, acrescentando às questões anteriores de relação entre as coisas e o lugar, de gestos de apropriação dos objetos encontrados, o questionamento sobre a obra de arte, no que poderá ser uma indagação sobre relações entre o plano, por norma associado à bidimensionalidade, e a tridimensionalidade das 'Coisas'».

Mas este formalismo sobre a linguagem criativa de Jorge Dias não faz esquecer que implícito no seu trabalho está uma «estreita relação com o mundo», decorrente da própria utilização dos objetos do quotidiano. Num outro texto do catálogo, o crítico de arte João Silvério afirma que os títulos de algumas obras têm «uma referência concreta a um lugar, a um estado social, ou a um sentimento de desconforto, manifestando desta forma uma consciência política que, não sendo panfletária, se mostra atenta ao seu contexto sem perder de vista o mundo global onde tantas coisas ocorrem num tempo que as suas obras parecem querer concentrar, mas sem contudo o cristalizar».

No terceiro texto do catálogo, diz António Cabrita, editor da revista em linha *Caliban*, que os trabalhos da exposição «têm uma carga de violência e de encaixe político muito mais acentuada». E explica: «Que resta da memória quando a prática política actual

mas também tem particularidades, porque geralmente é uma língua de transmissão oral, aprendida com o uso, sem que muitas vezes os locutores saibam sequer como se escreve aquilo que dizem.

Um outro tema do encontro serão as plataformas digitais. Estas plataformas ampliam a oferta da aprendizagem, a distância, da língua e da cultura portuguesa, nomeadamente as plataformas digitais de ensino do Português Língua Estrangeira, com aplicação para computador ou telemóvel, bem como a plataforma *Português Mais Perto*, que abrange não só aprendentes de PLH, como de Português Língua Materna, para emigrantes de curta duração.

O Plano de Incentivo à Leitura (PIL) é um outro dos temas da ação de formação. As coordenações de ensino de Espanha, França, Reino Unido e Suíça vão apresentar alguns exemplos de boas práticas.

O último momento da ação de formação consiste na apresentação de materiais didáticos especialmente concebidos para o ensino do português como língua não materna pelas editoras Lidel e Porto Editora.



Jorge Dias. *Coisa*, 2017 Flores de pano e linhas. 48 x 51 x 51 cm

queimou tudo, parecem perguntar trabalhos como *Exterminadores da Economia Alheia*, *Os Que Guardam e Tiram Não Sabem Dividir*, *A Coisa Está Tenebrosa*, ou *8a Praga. Humilhação A'os Deuses Responsáveis Pela Abundante Colheita*, ou *Xeque-Mate*, comentários impiedosos que a pauta das figurações não ilude». Para Cabrita, com Dias, «a arte volta a descongelar a sua função social».

Alexandra Pinho considera aliás que, «na senda do artista brasileiro Hélio Oiticica», Jorge Dias «tem vindo a construir uma obra que pretende estender o sentido de 'apropriação' às coisas do mundo, permitindo-lhe afirmar, com o artista brasileiro - "Museu é o mundo"».

Música

Emanuel Salvador, diretor artístico do Baltic Neopolis Festival 2017

■ Emanuel Salvador tem já uma impressionante carreira internacional e segundo a *Strad*, uma revista de língua inglesa que se dedica ao mundo da música para instrumentos de cordas, «é um dos melhores violinistas portugueses da sua geração».

Agora, na cidade polaca de Szczecin (junto à fronteira com a Alemanha), onde se fixou em 2015, Emanuel Salvador integra a Baltic Neopolis Orchestra (BNO), assumindo o papel de concertino, bem como o de diretor artístico do Baltic Neopolis Festival, a mais importante iniciativa de música erudita da região noroeste (Pomerânia) da Polónia, que está a realizar este ano a sua 3ª edição, entre 9 de junho e 5 de agosto, e que tem o apoio do Camões, I.P.

Entre os grandes objetivos do festival está a apresentação de «música de câmara para cordas (nas suas diversas formações, desde o trio à orquestra com solista) em vários pontos da região, que normalmente não tem acesso a este tipo de música», explica em entrevista escrita Emanuel Salvador, que enquanto diretor artístico do festival tem tido, segundo ele, a «liberdade de desenvolver projetos que sempre tinha querido fazer».

A programação do festival dá sempre «uma primazia especial à música de câmara para cordas e tem também, devido ao seu público-alvo e altura do ano, uma preocupação em oferecer a música erudita de uma forma mais aberta a um público muito heterogéneo», indica o músico. «Como muitas cidades da região são também grandes pontos turísticos com grande afluência de público local e estrangeiro que vem para as praias do Mar Báltico, conseguimos ter uma grande afluência em todos os concertos» do festival, acrescenta.

VIRTUOSOS DO BÁLTICO

Além dos artistas locais, o festival traz também «grandes nomes que atuam como concertino-diretor convidados



ou como solistas», refere o músico português, que conta no seu currículo com importantes apresentações como solista e recitalista em conceituadas salas de concerto em Inglaterra, Estados Unidos, Cazaquistão, México, Turquia, Rússia, Ucrânia; Holanda, Alemanha, Espanha, Itália, Malta e Portugal.

Foi aliás como convidado para ser concertino-diretor durante uma semana num concerto de um dos ciclos da orquestra (*Great Concertmasters*) que Emanuel Salvador teve o seu primeiro contacto com a BNO. «O resultado foi fantástico e houve uma imediata ligação com todo o projeto. Passados uns meses mudei-me para a Polónia», conta o violinista, que continua a tocar como solista em concertos com várias orquestras, inclusivamente como concertino convidado.

A programação do Neopolis Baltic Festival 2017 inclui 18 concertos pelas cidades polacas de Szczecin, Zlocieniec, Gryfin, Drawno, Świdwin, Gryfice, Ueckermünde, Swinoujscie, Kolobrzeg, Koszalin e alemã de Heringsdorf. Em Swinoujscie realiza-se ainda a 'Semana de Arte', com animações e

oficinas de música em espaço urbano para crianças e adultos.

Desta programação, Emanuel Salvador destaca os primeiros concertos já realizados «com o excelente bandoneonista e compositor Marcelo Nisinman, em que para além do concerto contou com uma atividade paralela para o público em geral poder experimentar dançar Tango; um concerto com uma jovem e promissora percussionista Vivi Vassileva, que tocará a solo com a orquestra; o virtuosismo de Jacek Mirucki (contrabaixo solista na Sinfónica de Singapura), o violinista Vasko Vassilev em dois concertos com as imortais *Quatro Estações* de Vivaldi, contrastando com grandes temas de bandas sonoras de filmes em arranjos para pequeno *ensemble*».

Para além destes concertos, o músico português aponta como um dos «pontos altos» do festival a estreia do projeto Baltic Neopolis Virtuosi, que «une grandes nomes como Bartek Niziol (concertino da Opera Tonhalle em Zurique), Andryi Vytovich (solista do Covent Garden) ou Adam Klocek com membros da BNO numa *tournee* pelos países Bálticos». Este projeto junta assim «grandes nomes polacos e estrangeiros em música de câmara um pouco mais alargada (sexteto e octeto, por exemplo)».

A ORQUESTRA

A Baltic Neopolis Orchestra é constituída por 15 instrumentistas de cordas que tocam sem maestro. Foi fundada em 2008 pela violinista polaca Emilia Goch. Explica Emanuel Salvador que, pela «reduzida dimensão» da orquestra, «todos os seus elementos são tratados como solistas e são escolhidos de entre os melhores músicos da nova geração (a maior parte deles são solistas em várias orquestras polacas) e tem neste projeto uma plataforma para desenvolver ao mais alto nível o grande repertório para esta formação».

O violinista português adianta que o repertório da BNO vai «desde a música barroca até aos nossos dias», mas a or-

O gosto por uma carreira 'colorida'

■ «Sou um músico que se sente bem em vários papéis, desde solista a músico de orquestra passando pela música de câmara», diz Emanuel Salvador (Guimarães, 1981), violinista português com projeção internacional e que reside em Szczecin, na Polónia, onde integra desde 2015 a Baltic Neopolis Orchestra e é o diretor artístico do festival de verão que esta orquestra promove anualmente.

«Desde sempre senti a necessidade de explorar várias áreas e gosto de ter uma carreira o mais variada possível. Sinto-me bastante feliz por continuar a poder ter experiências fantásticas e a poder refinar esta arte tão fantástica que é a música», sintetiza este violinista português, antigo bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e do Camões, I.P., premiado internacionalmente.

Emanuel Salvador terminou como melhor aluno do curso a Escola Profissional Artística do Vale do Ave - Artave, seguindo depois para Londres, onde obteve o grau de *Bachelor of Music* pela Guildhall School of Music and Drama e o mestrado em *Music Performance* pelo Royal College of Music.

Para além da extensa carreira performativa (foi, nomeadamente, concertino da Orquestra do Norte de 2005 a 2014), o seu «interesse especial na educação» levou-o, a partir de outubro de 2016, lecionar na Academia de Música de Szczecin (equivalente a uma escola superior em Portugal). «Aqui tenho podido transmitir e aprender com a nova geração de músicos que se prepara para o mercado de trabalho».

Entre os seus objetivos está «poder continuar a ter uma carreira tão colorida» como tem tido até aqui e desenvolver-se diariamente como músico. «Trabalhar com fantásticos músicos e continuar a poder ter experiências inolvidáveis em palco continuará a ser importante».

Um 'Guarnerius del Gesu', by Martin Schleske

■ O violinista português Emanuel Salvador é o feliz proprietário de «uma cópia tonal de um Guarnerius del Gesu, por Martin Schleske (Munique, 2004), que adquiriu com o apoio de uma bolsa do Loan Fund for Musical Instruments».

Martin Schleske, explica Emanuel Salvador, é um dos *luthiers* (fabricantes de instrumentos de cordas) que têm recorrido à ciência para estudar a forma de copiar e melhorar instrumentos musicais do passado praticamente inacessíveis pelo seu preço - tais como os *Stradivarius*, *Amati* ou

Guarnerius - «adaptando-os às condições das salas de concerto atuais (que são bem diferente de há 300 anos atrás) e também ao repertório que exige cada vez mais dos instrumentos que na sua essência têm sido inalterados».

Schleske «tem estudos aprofundados de acústica e uma grande abertura para usar novas tecnologias» na criação de «cópias o mais fiéis possíveis dos grandes instrumentos do passado. Neste caso a ideia é, não só copiar visualmente, mas também a nível sonoro (fazendo cópias do espectro sonoro)».

orquestra «tem uma especial predileção pela música contemporânea polaca».

Formado pelos líderes de cada secção da orquestra, existe o Quarteto de cordas Baltic Neopolis, que tem atuado na Polónia mas também em várias *tournees* fora de portas.

Emanuel Salvador sublinha que «a orquestra, tem sido reconhecida tanto pela crítica, como pelo público, como uma das mais interessantes orquestras de câmara do país». Segundo ele, ganhou o prémio de melhor álbum de música de câmara de 2015 e foi a primeira orquestra polaca a ser convidada para uma extensa *tournee* no sudeste asiático *Toyota Classics*, em 2016.

Camões, I.P. na gestão do Real Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro



❗ O Camões, I.P. vai participar na gestão do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, uma instituição cultural com mais de 180 anos de existência e grande prestígio cultural na cidade carioca.

A participação do Camões, I.P. vai ser feita através da Associação Luís de Camões, a ser constituída pelo instituto público português, o próprio Real Gabinete Português de Leitura, o Liceu Literário Português do Rio de Janeiro e a Real e Benemérita Sociedade Portuguesa Caixa de Socorros D. Pedro V.

Um memorando de entendimento sobre a constituição da nova associação foi assinado a 11 de junho passado, no Rio de Janeiro, na presença do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, e do primeiro-ministro António Costa.

O documento, rubricado pela Presidente do Camões, I.P., Ana Paula Laborinho, e pelo Presidente das outras três instituições, comendador Francisco Gomes da Costa, visa – além da participação ativa do instituto público português na gestão do Real Gabinete Português de Leitura – «a preservação do património que compõe o acervo cultural, social, educacional e histórico de Portugal, ligado às atividades» das três instituições brasileiras, cuja «perenidade» fica garantida «pelo menos por 30 anos», segundo declarou o primeiro-ministro português.

«O Governo fez um enorme esforço em termos de avaliação no que respeita às necessidades financeiras. Mas este acordo representa a gratidão em relação à atividade de cada uma destas três instituições», declarou o chefe do executivo português, que advogou deverem as referidas associações serem a base para a promoção da língua portuguesa na América Latina.

A assinatura do memorando de entendimento coincidiu com a transferência simbólica para o Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro da biblioteca de Marcello Caetano, último chefe de governo do Estado Novo. A Associação Luís de Camões, no Rio de Janeiro, irá supervisionar os 17.963 títulos e 21.506 volumes do único património que Marcello Caetano levou para o exílio no Brasil, e que doou à Universidade Gama Filho onde deu aulas.

O Real Gabinete Português de Leitura foi fundado em 14 de maio de 1837, por cerca de 40 portugueses, entre médicos, advogados e empresários. É a associação mais antiga criada pelos portugueses do Brasil, após a sua independência do Reino Unido de Portugal e Brasil, em 1822.

O acervo bibliográfico do Real Gabinete Português de Leitura é muito valioso para a cultura portuguesa e está disponível para o público. A biblioteca do Gabinete guarda, aproximadamente, 350 mil volumes entre obras raras, manuscritos, cartas e primeiras edições. Esta recebeu de Portugal, pelo estatuto do 'depósito legal', um exemplar das obras publicadas no país, sendo a única instituição, fora do território português, que mantém este privilégio.

Luxemburgo Exposição de Magda Delgado



❗ Até 30 de setembro os trabalhos da artista plástica portuguesa Magda Delgado, que vive e trabalha entre Lisboa e o Luxemburgo, estão patentes nas instalações do Camões/Centro Cultural Português daquele país do centro norte da Europa.

A exposição *O Eremita face ao mistério* apresenta «um conjunto de obras, plenas de melancolia, trabalho de um asceta que, vivendo na floresta, se inspira nas suas meditações solitárias sobre o Absoluto», escreve Nelson Pereira Marques no catálogo da exposição.

Absoluto», escreve Nelson Pereira Marques no catálogo da exposição.

Museu da Língua Portuguesa de São Paulo Camões, I.P. participa na recuperação fornecendo conteúdos

❗ O Camões, I.P. vai participar na recuperação do Museu da Língua Portuguesa de São Paulo, no Brasil, nos termos de um protocolo de cooperação entre o governo português, o governo do Estado de São Paulo e a Fundação Roberto Marinho, que foi assinado em junho, durante a visita àquele país do Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa e do primeiro-ministro António Costa.

O instituto público português encarregado de promover a língua portuguesa no mundo deverá contribuir com conteúdos para a recuperação do museu criado em 2006 em São Paulo, e gravemente afetado por um incêndio de grandes proporções ocorrido no prédio da Estação da Luz, em 21 de dezembro de 2015.

O protocolo foi assinado pelo Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, José Luís Carneiro, pelo Secretário de Cultura do governo do estado de São Paulo, José Luiz Penna, e pelo Secretário-geral da Fundação Roberto Marinho, Hugo Barreto.

Na cerimónia a 11 de junho, António Costa manifestou total disponibilidade por parte do Estado Português para a reconstrução do Museu e disse que este «é um projeto que interessa a todos os países da Comunidade de Países da Língua Portuguesa e, desde logo, a Portugal».

O primeiro-ministro sublinhou ainda o empenho de algumas empresas



Primeiro-ministro António Costa, Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, e governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin

nacionais no projeto de recuperação (a EDP é um dos patrocinadores da recuperação, com um investimento de 5,6 milhões de euros), prometendo que o Governo, «através do Instituto Camões, vai contribuir com conteúdos». O protocolo refere explicitamente que a participação do Estado português será feita através de «instrumentos específicos», «nomeadamente em termos de cedência de materiais de seu acervo, digitalizados ou originais».

A recuperação do Museu está a cargo da Fundação Roberto Marinho, que já tinha tido sido responsável pela criação do Museu, em cuja conceção e desen-

volvimento o Camões, I.P. cooperou, conforme um protocolo firmado pelas mesmas entidades em 2003.

Nos considerandos do protocolo assinado em junho afirma-se que «o Museu se tornou internacionalmente reconhecido pela tipologia de sua mostra de longa duração, consolidando-se como uma das instituições culturais mais importantes do Brasil».

Na cerimónia de assinatura do protocolo, o governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, anunciou que o Museu da Língua Portuguesa deverá reabrir ao público, no máximo, no início de 2019.

Exposição de Vhils em Pequim

❗ Setenta retratos esculpidos em baixo relevo em blocos independentes, da autoria de Vhils (Alexandre Farto), estão patentes até ao próximo domingo no Cafa Art Museum, em Pequim, entidade que organiza a exposição em associação com a Embaixada de Portugal e o Camões, I.P.

Imprint, o nome da exposição, é a primeira mostra individual de trabalhos do *street artist* português na capital da China, sendo inteiramente constituída por trabalhos novos, que espelham «a reflexão contínua do artista sobre a relação entre as cidades contemporâneas e os seus habitantes», segundo se lê no texto de apresentação da exposição no sítio da internet do artista visual português.

Em Pequim, Vhils e a sua equipa irão também criar um mural na fachada lateral poente do edifício da chancelaria portuguesa.

Embora tenha a realidade de Pequim como ponto de partida, a «instalação pretende ser simbolicamente representativa dos processos de trabalho numa outra qualquer cidade em qualquer parte do mundo».

Cada um dos 70 retratos foi esculpido num bloco independente.



Mas, «enquanto cada retrato fala de individualidade e singularidade, os materiais nos quais são esculpidos falam significativamente de uniformidade e homogeneização, uma vez que estes blocos produzidos em massa podem facilmente ser encontrados em estaleiros de obra e edifícios em todo o mundo», refere o texto de apresentação.

Apesar de *Imprint* ser a primeira exposição individual de Vhils em Pequim, não é a primeira na China. Em maio, Vhils inaugurou a primeira exposição individual em Macau, acompanhada de uma série de murais, que seguiu as linhas da primeira exposição individual em Hong Kong, no ano passado,

igualmente designada *Debris*, e que foi fruto de um trabalho de quase dois anos de preparação no âmbito de uma residência artística que Vhils realizou na antiga colónia britânica, escreveu a Agência Lusa.

Nascido em 1987, Alexandre Farto cresceu no Seixal, onde começou por pintar paredes e comboios com 'graffiti', aos 13 anos, antes de rumar a Londres, para estudar Belas Artes, na Central Saint Martins. Captou a atenção a 'escavar' muros com retratos, um trabalho que tem sido reconhecido a nível nacional e internacional e que já levou o artista a vários cantos do mundo.

Além de várias criações em Portugal, Alexandre Farto tem trabalhos em países e territórios como a Tailândia, Malásia, Hong Kong, Itália, Estados Unidos, Ucrânia, Brasil.



Camões, I.P.

Av. da Liberdade, n.º 270
1250-149 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987
www.instituto-camoes.pt
jlcarte@camoes.mne.pt
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho
COORDENAÇÃO Vera Sousa
COLABORAÇÃO Carlos Lobato